

ANO XVI • Nº 182 - AGOSTO DE 2026

MATÉRIA PRIMA

ECONOMIA POLÍTICA ARTES HUMOR CULTURA



DRA. BEATRIZ JUNQUEIRA

MAGISTRADA COMANDA O COMBATE AO CRIME NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

PRÉDIO QUE ABRIGAVA TORTURA A PRESOS POLÍTICOS JÁ RECEBEU 50 MIL VISITANTES E É A MAIOR ATRAÇÃO TURÍSTICA DA CAPITAL



REPORTAGEM DE CAPA

A JUÍZA QUE ENFRENTA OS CRIMINOSOS NOS ESTÁDIOS PARA OFERECER PAZ AOS TORCEDORES

A proposta da Justiça, que nessa área é conduzida em Minas pela juíza de direito Beatriz Junqueira, é a de devolver a paz aos torcedores. Nem que, para isso, os infratores já saiam presos dos estádios, direto para a cadeia. Em cada confronto há até 60 mil pessoas que necessitam de segurança. A lei começou a vencer.

MATERIA PRIMA

ANO XVI • Nº 182 • AGOSTO DE 2026

ÍNDICE

COLUNAS E ARTIGOS

- 22 O QUE ACONTECE
- 24 LEITURAS LONGAS
- 36 COTIDIANO
- 38 CONDIÇÃO HUMANA
- 40 ENQUANTO O TEMPO PASSA
- 42 CAPTURADO NA INTERNET
- 44 CARREIRAS
- 52 MENSAGEM DOS LEITORES



PREZADOS LEITORES

OS GOVERNOS MUDAM DE QUATRO EM QUATRO ANO, MAS OS ELEITORES SÃO SEMPRE OS MESMOS.

Estamos a menos de cem dias da nova eleição presidencial. Os governos frequentemente mudam, mas os eleitores continuam os mesmos. Com isso o país continua em sua rotina de crescimentos insignificantes e falta de perspectiva para a população. Será que não é o caso de mudar os eleitores, que são sempre os mesmos?



NOMES E NOTAS

DELEGACIA ONDE SE TORTURAVA PRESOS POLÍTICOS É ATRAÇÃO TURÍSTICA EM BH

Os passeios à Lagoa da Pampulha e ao Mercado Central, que sempre foram as principais atrações turísticas da capital mineira foram desbancados no primeiro semestre do ano pelas visitas à antiga Delegacia de Ordem Política e Social (Dops) onde se torturavam e até mataram adversários da ditadura militar. Os registros falam em 50 mil visitantes, grande parte formada por descendentes dos prisioneiros.



HORA EXTRA

EU JAMAIS AGRADECI A ESSAS DUAS SENHORAS POR ME ENSINAREM A BEBER E A JOGAR BARALHO

Todos têm palavras de gratidão às mulheres que lhe ensinaram o caminho do bem ou, pelo menos, a lavar as mãos antes das refeições. Mas o caminho da perdição é mais divertido e você pode ganhar bom dinheiro se tiver habilidade em roubar nos jogos de cartas ou na sinuca. Eu poderia ter pago meus estudos com essa qualidade, mas nunca quis perder meu precioso tempo na escola.

EXPEDIENTE Márcio Rubens
Prado (IN MEMORIAM)
31 99197-2780
REVISTAMATERIAPRIMA.COM.BR/
durvalcg@gmail.com

DIRETOR RESPONSÁVEL E EDITOR GERAL
Durval Guimarães
DIRETOR
Nestor de Oliveira
DIAGRAMAÇÃO: Athus Pinheiro | Leo Tasori
REVISÃO: Mário Carvalho

COLABORADORES: Eliane Machado,
José Antônio Severo (*in memoriam*),
Antônio Porfírio
João Paulo Coltrane
Romerson Cangussu
PUBLICIDADE:
(31) 99984-8382 e 99197-2780

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE: Rua Yucatan, 77 / 502 - São Pedro • CEP 30330-400 • Belo Horizonte • MG (O conteúdo dos artigos assinados é de exclusiva responsabilidade dos autores. As opiniões emitidas não refletem, necessariamente, o posicionamento da revista mas, apenas, a sua condição de publicação plural).

TODO GOVERNO TEM O POVO QUE MERECE

DURVAL GUIMARÃES



A pergunta é a seguinte: será possível ser conduzido por um governo melhor, se ele é sempre eleito por esse povinho que a gente encontra todos os dias nas ruas, no trabalho e, sobretudo, dirigindo como animais nas ruas e estradas?

Há outras perguntas: como proteger os governos de um povo cada vez mais ordinário e consumista?

Debrucei-me originalmente sobre essa questão não foi lendo os grandes compêndios de Ciência Política, mas vivendo o cotidiano como presidente de um clube social na zona sul de Belo Horizonte.

A expectativa de um presidente, ao assumir o cargo, é a de que é absolutamente necessário, por parte dos associados, um conjunto de atitudes políticas específicas, e comportamentos cooperativos, para que a administração funcione. Assim eu pensava e assim iniciei minha administração.

Em outras palavras, seria condição para alcançar “o bom governo”, uma gestão comprometida com o ideal de plena cooperação na realização das atividades sociais, por parte de todos os associados.

Deparei-me, no entanto, com situações bem diferentes já na primeira semana da administração. Eram sócios que pediam mais prazo no pagamento de suas muitas mensalidades atrasadas, outros solicitando convites a que não tinham direito, a cessão gratuita do salão de festas, ou o cancelamento de multas e suspensões impostas a filhos, por mau comportamento social.

Não sei a que santo atribuir milagres, mas a despeito de tantas tentativas de rapina aos nossos cofres – algumas das quais permitidas pelo estatuto, como o perdão de dívidas –

A cada ano trocamos de governo, mas os eleitores continuam os mesmos.
Será que já não é hora de trocarmos de povo?



conseguimos ser campeões mineiros de vôleibol pela primeira vez em nossos mais de 70 anos de história. E participamos da Superliga de Vôleibol Nacional por mais de cinco vezes, tendo alcançado o sétimo lugar entre os melhores clubes do país.

Cabe ressaltar que essas façanhas somente foram possíveis por conta do apoio do industrial Pedro Paulo Drumond e sua empresa Companhia do Terno ao nosso projeto esportivo.

De tudo, porém, restou a perplexidade e a sensação de fracasso que se repete na situação política do país. Cidadãos medíocres que nos elegem pedem recompensas indecentes apenas porque votaram em nossa chapa.

Disso resulta que o sucesso de regimes democráticos depende de um interesse próprio (do indivíduo) corretamente delimitado. E que uma vida pública decente não é um fenômeno natural, mas depende de enorme esforço e integridade do ser humano.

A democracia não pode cumprir suas promessas se não houver democratas, nem cidadãos íntegros. Também não pode prosperar um público cínico ou apático, que se retira da vida pública do clube ou da sociedade, quando seus direitos não estão em jogo. Ou ameaçados.

Por último, percebemos que no clube, como na sociedade, a absoluta prevalência do chamado “egoísmo familiar” como principal característica definidora de nossa cultura política. Em resumo, para os amigos, tudo; para os demais, a lei. O resto se ajeta.

Não importa se o presidente ou a diretoria roubam, desde que eu também seja beneficiado com minhas mensalidades perdoadas ou com a permissão para ser acompanhado por muitos convidados, com ingressos fornecidos por baixo do pano.

Em síntese, é a concordância com a corrupção: estamos no poder e cada um receberá seu quinhão do botim, de acordo com suas necessidades. Sob esse aspecto, talvez as pessoas tenham mesmo o governo que merecem.

DELEGACIA ONDE TORTURAVAM PRESOS POLÍTICOS É A MAIOR ATRAÇÃO TURÍSTICA DE BELO HORIZONTE

A PRINCIPAL ATRAÇÃO TURÍSTICA DE BELO HORIZONTE NOS SEIS PRIMEIROS MESES DESTA ANO, NÃO FOI O MERCADO CENTRAL NEM LAGOA DA PAMPULHA, OS FAVORITOS DE SEMPRE PELOS QUE VISITAM NOSSA CAPITAL.

DURVAL GUIMARÃES

Por mais absurdo que pareça, o local preferido pelos turistas foi um prédio aterrorizante de quatro pavimentos, na Avenida Afonso Pena 2.351 a mais importante da cidade.

O edifício abrigou um dos principais centros de repressão e tortura durante a ditadura militar e hoje se tornou o Memorial dos Direitos Humanos. O espaço está atualmente sob gestão de sobreviventes daquela masmorra e foi visitado por 50 mil pessoas com propósitos os mais variados desde que seus portões foram abertos no início do ano. A maioria deseja conhecer o local onde seus jovens parentes foram agredidos covardemente e até assassinados a pauladas, socos e pontapés.

Solicitei ao colega de faculdade e de profissão, jornalista Jurandir Persichini, que me conduzisse numa visita guiada, iniciativa à disposição de todos os interessados, nos fins de semana. Aos 18 anos de idade, o jornalista



ficou detido numa das suas celas durante muitos meses, acusado de crime por distribuir um pequeno jornal considerado subversivo entre os trabalhadores da cidade de Ipatinga. Meses antes houve uma rebelião com morte de metalúrgicos no local, que reclamavam das condições de trabalho na fábrica.

Trazido para Belo Horizonte, Jurandir foi jogado numa cela onde era espancado diariamente para confessar o que ele, como jovem iniciante na militância política nunca poderia saber: os detalhes dos planos de Moscou para derrubar o governo brasileiro.

Desde o restabelecimento da democracia, a Delegacia de Ordem Política e Social (Dops) foi progressivamente sendo destituída de suas prerrogativas assassinas até

finalmente, encerrar suas atividades em 1985. O local ficou fechado durante anos e só voltou a funcionar de forma contínua após ser ocupado por movimentos sociais em 1º de abril de 2025.

Hoje, o prédio é administrado pelo Memorial dos Direitos Humanos, formado por um conjunto de organizações sociais de caráter político, que organiza as visitas e acolhe eventos de lançamentos de livros, em grande parte relacionados com as atividades da masmorra.

Do conjunto de cenas horrorosas que conhecia na visita, as que mais me impressionaram foram as dez celas no subsolo, sem luz elétrica. Os pequenos buracos para entrada de ar pelas paredes não permitiam saber se

ainda era dia ou noite. Havia uma minúscula área para o banho de sol dos prisioneiros que era proibida aos que se rebelavam, geralmente contra a alimentação. Os instrumentos de tortura foram retirados pelos derradeiros militares em serviço

Pelo que Jurandir me contou, a tortura era constituída por pancadaria pura e simples, às vezes sem o agressor se interessar na resposta verbal do agredido. Batiam apenas pelo prazer. A tortura se tornou mais científica, se assim podemos dizer, quando aportou em Belo Horizonte um policial norte-americano, de nome Dan Mitrone que obtinha as confissões dos prisioneiros sem o eventual prejuízo de matá-los no meio do procedimento. Não havia perdas.

Mais tarde, Mitrone seguiu para Montevidéu onde esse príncipe dos torturadores acabou morto em embosca pelo grupo guerrilheiro Montonero, do qual fazia parte José “Pepe” Mujica, que décadas mais tarde tornou presidente daquele país.

As visitas são gratuitas.





ALIÁS, NÃO ESTÁ CLARO O QUE O COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL ESTÁ ESPERANDO PARA INCLUIR JOGOS DE AZAR E APOSTAS COMO ESPORTE OLÍMPICO.

Eles incluíram o golfe, que geralmente envolve homens barrigudos caminhando em um parque seguidos por um escravo, carregando os tacos. Por que não incluir os jogadores que se empobrecem em apostas que só dão lucros às empresas?

Na minha opinião, as bets são fortes, em parte, em decorrência do sucesso na repressão à corrupção nas obras públicas. Fizeram tanto alarde nas licitações de rodovias, pontes e viadutos que, no fim, os políticos tiveram que buscar financiamento em outro lugar. “Foi uma lástima. Estava funcionando tão bem. O esquema da construção civil oferecia uma corrupção mais limpa. Era tudo mais simples e transparente. Eu construo uma estrada para você, cobro mais caro, dividimos o custo extra e pronto. Todo mundo fica feliz” disse o jornalista argentino Alejandro Borensztein.

Por outro lado, os jogos de azar são mais complicados. Há jogos de azar legais, como os da Loteria Federal, jogos de azar ilegais e uma mistura de ambos. É tudo muito confuso e isso é ótimo para os envolvidos.

Quando um governo, independentemente do partido, precisa de dinheiro, a primeira coisa que faz é prorrogar a licença de uma bet imediatamente. Na Argentina, segundo o jornalista, alguns cassinos têm licença até o século XXV, quando provavelmente ocorrerá o Juízo Final

SETE COISAS QUE APRENDI NO MÊS PASSADO

1. Aprendi que no futebol (Copa do Mundo) você pode abraçar fortemente pessoas que nunca viu antes. Como num velório.

2. Há candidatos tão populares que acordam de manhã e antes mesmo de lavar o rosto, já tem 40% dos votos.

3. Há três tipos de países: os ricos, os pobres e a Argentina. Na Argentina não se sabe se alguém está numa categoria ou noutra, pois tem o colchão abarrotado de dinheiro. Ninguém deposita nada em banco.

4. Fui testemunha de um colega num conflito de trânsito. Então me identifiquei ao juiz: Sou jornalista, com três filhos já criados, mas tenho dois bartenders que dependem de mim. O juiz então me indagou: o que era isso? Respondi: Bartender é o profissional responsável por misturar ingredientes com o

proposto de criar e servir bebidas alcoólicas inesquecíveis, em bares. Depois da audiência o juiz me solicitou, discretamente, o endereço do bar.

5. Uma garota me disse qual será o homem da sua vida: será aquele que tampa o vaso do sanitário antes de sair do banheiro, não deixa toalhas molhadas sobre a cama, a leve para jantar fora no Dia dos Namorados. E, principalmente, não diz que o Galo é a maior paixão da vida dele.

6. Você não está tomando decisões como a pessoa que deseja ser. Você está tomando decisões como a pessoa que sempre foi.

7. A corrupção começa quando você começa a roubar as horas. Chega meia hora mais tarde e sai uma hora mais cedo. Sendo que sempre ultrapassa o horário de almoço.



**BANCAS DE JORNAIS
ABANDONADAS SÃO
RECOLHIDAS PELA
PREFEITURA E SEU DESTINO
SERÁ O LIXO**



Banca de jornal sendo levada para o lixo

Nos anos dourados da imprensa mineira, quando cinco jornais diários eram oferecidos aos leitores, uma boa banca de jornal tinha o valor de R\$500 mil (preço de um carro BMW de luxo) e vendia pelo menos 150 exemplares do jornal Estado de Minas, o então “o grande jornal dos mineiros”.

No final de julho a proprietária de uma banca na Savassi, disse a este repórter que faz enorme esforço para vender cinco exemplares até o início da noite, quando as atividades do estabelecimento são encerradas. A venda de pacotes fechados em envelopes transparentes, para atender às necessidades de gatos e cachorros, é maior que a do jornal do dia.

Na mesma manhã e que falava com a dona do quiosque, a prefeitura de Belo Horizonte informou que apreendeu duas bancas abandonadas, que estavam inativas havia meses. Outras cinco deverão ser removidas, pelo mesmo motivo: abandono. Há 512 bancas autorizadas para funcionarem na capital, mas menos de um terço se dedica ao comércio de jornais e revistas. Todas já foram autorizadas a vender cervejas, numa tentativa desesperada de mantê-las em operação.

A MAGISTRADA QUE ENFRENTA O **CRIME ORGANIZADO** **NO FUTEBOL** EM MINAS GERAIS

A juíza Dra. Beatriz Junqueira, do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, se destaca pela sua atuação no combate à criminalidade nos estádios de futebol, com sentenças severas aos transgressores e aos grupos organizados.

NESTOR DE OLIVEIRA (*)

O crime tomou conta do futebol principalmente como uma ferramenta para lavagem de dinheiro, manipulação de resultados e expansão de influência financeira. Ninguém sabe com exatidão o que ocorre na intimidade dos clubes e das entidades que conduzem o esporte porque são organizações privadas.

O que seus dirigentes declararem são a verdade. Por exemplo: ninguém conhece claramente as razões que levaram o banqueiro Daniel Vorcaro, presidente do Banco Master, a aplicar R\$300 milhões no Clube Atlético Mineiro e como essa negociação foi conduzida. Também não há investigações para se identificar as causas de dívidas bilionárias dos principais times.

Nesta entrevista, conversamos com a Dra. Beatriz Junqueira, hoje desembargadora substituta, especialistas em crimes ligados ao futebol no Estado. Investigações conduzidas por autoridades brasileiras e órgãos internacionais apontam que brechas na fiscalização do esporte e a alta movimentação de capitais facilitam a infiltração de facções de tráfico de drogas, milícias e redes internacionais de apostas.



A ENTREVISTA



Dra. Beatriz Junqueira em seus locais de trabalho

Matéria Prima: Por que um Juiz, não o de futebol, mas o da Lei, deve estar presente numa partida, mesmo com torcida única?

Dra. Beatriz: Este projeto é único no Brasil, aliás no mundo. Na Alemanha eles tem também esta atividade, mas o processo e a justiça são diferentes. Na Itália, eles têm também presença de Promotores, policiais, igual a nossa, mas com o imediatismo que temos, somos únicos no mundo. O que o Brasil quer passar? Queremos que o torcedor se sinta seguro, com a presença do Estado, de um Juiz de Direito, Promotor, Polícia e todo um aparato que torne o ambiente tranquilo. Mesmo com torcida única a presença da Justiça é necessária. Você sabe quem sofre mais assédio, hoje no estádio? As moças do elevador, por incrível que pareça. Também as moças que estão entregando as bebidas nos bares, o vendedor de picolé, que às vezes não tem troco, e em razão disto é chamado de “ladão, negro safado”, e ele aguentou isto a vida inteira. Porque ele não sabia dos direitos dele. Hoje as coisas estão mudando. Agora temos o Juizado do Torcedor e Grandes Eventos, especialmente para os com mais de dez mil pessoas. Estamos mostrando a política do Tribunal de Justiça de Minas Gerais e do Conselho Nacional de Justiça, temos Juízes atuando e formando know how, para melhorar nossa presença nos estádios, arenas ou locais de grande público.

MP: E para a Copa Feminina de 2027?

Dra. Beatriz: Estamos nos preparando, dede já, para a Copa de Futebol Feminino da FIFA, que acontecerá no Brasil em 2027. Já estamos nos programando para isto, nos reunindo com Consulados, um grupo de Juízes visitando as sete capitais que serão sede deste torneio. Estamos criando meios para mostrar um Brasil seguro em nossos estádios, em torno deles, para que os torcedores, suas famílias, sintam-se despreocupados em torcer e se divertirem. Imagine uma agressão qualquer por um torcedor de outra cidade, outro estado, outro país e que se não estivermos presentes eles se evadem. Com nossa presença vamos resolver na hora estas questões.

MP: Há quanto tempo temos a presença da Justiça nos estádios?

Dra. Beatriz - Este projeto existe há mais de 20 anos, desde que cheguei em Belo Horizonte, em 2006 iniciamos estes estudos. Só tinha o Mineirão na época. Porém houve uma reforma nele e o projeto ficou parado. Os jogos foram especialmente para Sete Lagoas, Estádio do Democrata, ou do Jacaré. Quando o Mineirão ficou pronto, reativamos o projeto. Quando da Copa das Confederações o TJMG foi procurado novamente e voltamos com o projeto. Passamos, depois da reforma, a ter Juízes presentes em todos os jogos. Como disse, cheguei aqui em 2006, e passei a frequentar os estádios e conhecer melhor seus problemas. Já fui a mais de 100 jogos. Conheço os estádios como a palma de minha mão. Exceto os vestiários masculinos, mesmo assim já fui à Arena MRV, nos vestiários, a convite de um Coronel da PM, em uma visita com eles vazios. Só poderia ir se lá estivesse sendo cometido um crime e minha presença fosse necessária. Não tenho o menor pudor, caso um crime estivesse sendo cometido e lá necessitasse minha presença.



MP: Como é preparado este conjunto de ações?

Dra. Beatriz: Acionados pelos promotores destes eventos, por um órgão da Secretaria de Segurança Pública, com mais de dez mil presentes, o Tribunal se integra às forças públicas de segurança, para uma ação coordenada, onde cada um cumpre a sua parte, numa demonstração da presença do Estado, cumprindo seu dever. Existe uma Comissão de Monitoramento da Violência, a COMOVEC, subordinada à Secretaria de Segurança, do Dr. Rogério Greco, que articula, em reunião, o envolvimento de todas as áreas que atuarão no evento. Vigilância Sanitária, Ambulância, Bombeiros, Polícias Civil, Militar e todos os atores envolvidos, em datas previamente marcadas pela FMF, ou CBF. Apresentados os laudos, de cada área envolvida, a Secretaria de Segurança passa a assumir a coordenação do evento. Então o TJMG, a Procuradoria Pública e a Defensoria Pública, representando a Justiça, vão como convidados participar da reunião e atuar em nome da Lei e da Ordem. Com a atuação da inteligência das polícias ficamos sabendo do quanto de riscos estão envolvidos. Quando é Atlético e Flamengo, ou Cruzeiro e Palmeiras, por exemplo, eles já ligam o radar deles e sabemos que o clima não será pacífico. Na própria entrada as torcidas já se agriDEM. Por exemplo, quando o Palmeiras vem jogar aqui, a torcida do Atlético se junta a eles para aumentar provocações aos Cruzeirenses. De igual forma, quando o Flamengo vem, a torcida do Cruzeiro faz igual, para provocar os Atleticanos. Os visitantes não conhecem detalhes de Belo Horizonte, então, os torcedores locais dão suporte e orientações. Tem um caso que demonstra a importância da presença da Justiça. Quando na chegada de uma delegação, dos jogadores no Mineirão, um torcedor se disse agredido pela polícia. Na verdade, e para facilitar a entrada do ônibus ao local de desembarque, a polícia jogou uma bomba de efeito moral para abrir caminho. Ele se dizia vítima e que tinha sido agredido pela polícia, mas os exames médicos feitos na hora divergiram, mas ele realmente estava machucado, ele feriu-se ao cair. São inúmeros pequenos casos que aparecem, mas precisam da presença da Justiça. Outro caso foi de um senhor idoso que ao utilizar um totem para compra de fichas ficou nervoso com a demora, ou má operação do equipamento, e o destruiu. Um totem que vale mais de 10 mil reais. Imagine uma pessoa que ganha salário mínimo pagar um equipamento deste. Estas pessoas são levadas imediatamente para nossos espaços para atuação e

decisão sobre os fatos. Inclusive com a presença de Comissários de Menores, para o caso do causador do problema, ou vítima, seja menor.

MP – Qual a avaliação, até o momento, do que melhorou com esta presença do Estado nestes eventos?

Dra. Beatriz - O que a gente tem percebido é que as pessoas estão se sentindo mais seguras, como nos anos 80, quando as famílias passavam os domingos lá, no Mineirão. Eu me lembro de toda minha família ir para os jogos e passar todo o dia lá. Almoçava na Churrascaria Festa Brava, ou nos restaurantes próximos, as crianças brincavam nos espaços disponíveis e todos se divertiam com total segurança. Meu irmão era “mascote” e meu pai o levava para integrar-se à entrada dos jogadores em campo. Mas, os tempos mudaram. Não existia droga, estacionava os carros na rua, outros tempos. Hoje o futebol é um grande ativo que temos, movimenta bilhões de dólares pelo mundo. Passou a ser um divertimento, entretenimento e lazer de grande porte e enorme participação popular. A influência política e econômica é muito forte no futebol. A própria convocação do Neymar é uma prova disto, os interesses econômicos e midiáticos são enormes. Voltando, na década de 80 nós tínhamos um futebol seguro, ambiente familiar que foi se perdendo ao longo do tempo e com a chegada do dinheiro os bandidos vieram atrás. Futebol hoje é uma praça de guerra, as torcidas organizadas se transformaram em donas de território, colocavam faixas dizendo a cor da camisa daquele espaço, proibindo uso de celular, e tornaram-se uma nova forma de poder. Eles ameaçam, eles matam, xingam, traficam, diz quem pode ir ou não, quem pode namorar ou não, etc. E quem está por trás destas torcidas organizadas? Porque dinheiro elas têm, fazem faixas, viagens nacionais e internacionais. O crime organizado viu nelas um espaço a ser ocupado, sem a presença do Estado, eu acredito que elas têm patrocínio dele. São comandados e resolvem os seus problemas sem a lei. Decidem quem morre, quem é protegido, quem pode brigar e ser escondido, uma espécie de sociedade secreta. Assim a torcida, as pessoas normais, foram perdendo espaço. Foi quando a Polícia Militar deu um basta! Quem manda aqui somos nós, entendo que vocês estão querendo criar confusão, e isto não vai acontecer.



MP – Mas, os clubes as protegem?

Dra. Beatriz – Não existe espetáculo sem público, a torcida é importante, mas o Estado estava perdendo o espaço. Assim formamos nossa equipe de trabalho para resgatar, proteger e organizar estes eventos, a Justiça foi cobrada pela sociedade, muitas demandas, nós vimos que a nossa presença inibe a arbitrariedade. Nossa presença tem dois aspectos: preventivo, temos lá um plantão e registramos qualquer evento fora do normal, O cidadão fica sabendo que em qualquer tempo, em qualquer lugar ele será reconhecido, mesmo que não tenha culpa na ocorrência. Nós vamos para estes eventos com o desejo de não ter que trabalhar, sinal que está tudo em ordem e em paz. Mas, caso ocorra estaremos lá para cumprir o segundo papel que é o repressivo. Por que você não mata? Porque você sabe que se matar vai preso. O que queremos demonstrar é que nos grandes eventos tem a presença da Justiça. Não é terra de ninguém nem é igual ao meio do mato, onde tudo pode acontecer.

MP– Como está a guerra contra o crime?

Dra. Beatriz – Acredito que estamos evoluindo muito, neste particular da organização e repressão ao crime em eventos de grande porte. As famílias têm voltado, crianças estão de volta, há um novo momento com a segurança restabelecida. Continuamos com problemas, mas o cenário, hoje, é muito melhor que nos recentes anos passados. Não podemos culpar a bebida pelo comportamento das pessoas, tanto é que são vendidas no estádio antes dos jogos, inclusive nos intervalos. É do ser humano ter comportamento agressivo. O brasileiro, de uma forma geral, tem nos estádios e nos grandes eventos, uma forma de agir diferente de outros povos, outras culturas. Já andei pelo mundo e vejo, nos grandes jogos, por exemplo, um comportamento sem

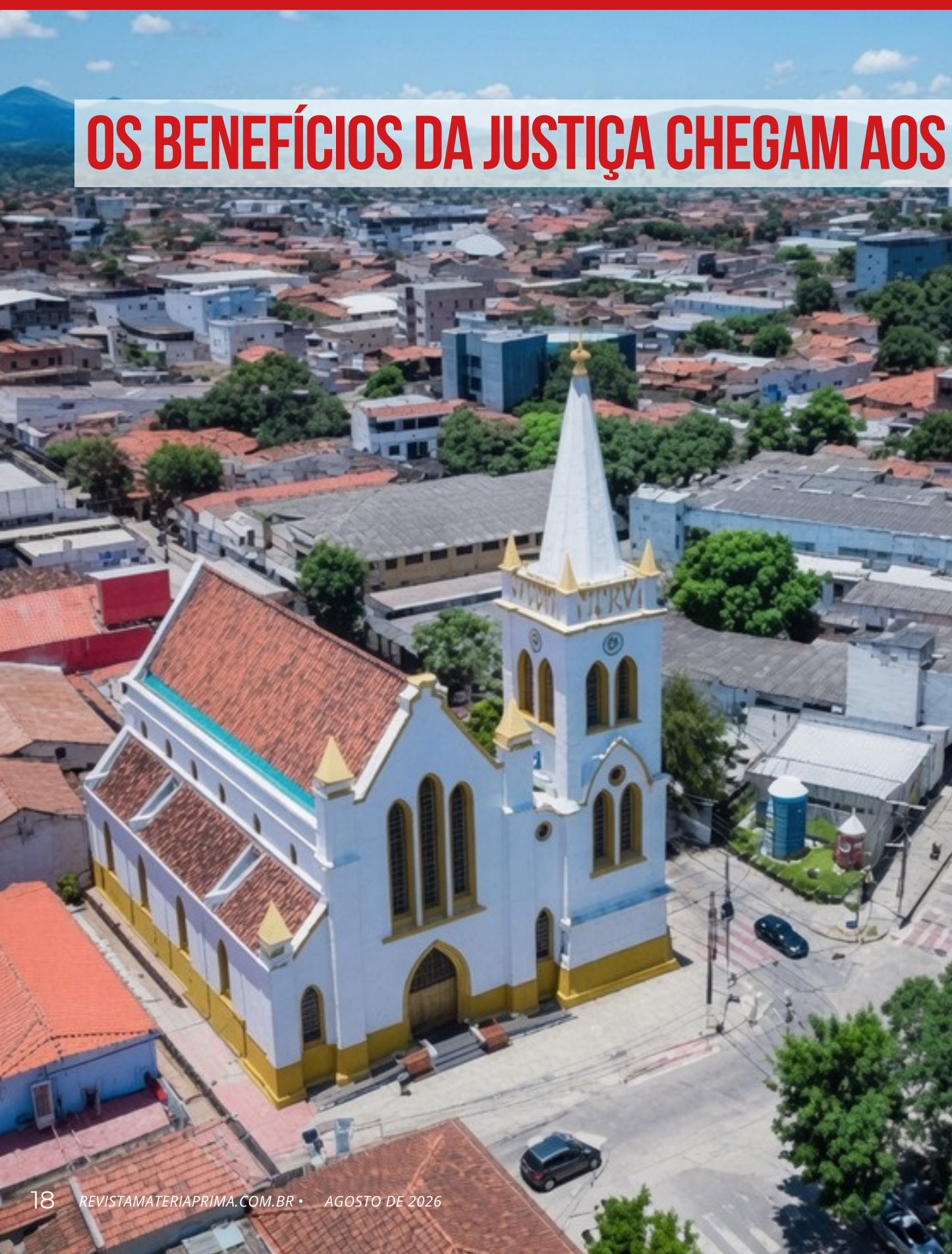
agressões nem atritos. Torcedores rivais lado a lado se respeitando. É o que queremos aqui. O futebol, em sua origem era proibido, coisa de marginal, depois foi levado para as elites e hoje volta a ser de todos. Sociologicamente é uma simulação da guerra. Nele estão agregadas várias classes sociais e o seu princípio é da confraternização, disputa esportiva sem conflitos, não se pensou em brigas ou atritos, mas em disputa de quem é melhor. Lá fora a repressão é dura, a repressão é eficiente, então precisamos chegar a este patamar. É uma questão de presença do Estado, da Justiça e estamos neste caminho. Alguns protocolos precisam ser implantados, acabar com discriminações, agressões e melhorar a eficiência de nossas ações.

MP - Como a senhora vê o futuro da Justiça para o futebol?

Dra. Beatriz - O que eu vejo é a necessidade de uma política afirmativa para todos, o que vai refletir nos estádios, quando as pessoas entenderem que lá não é local de guerra, que todos têm direito a ir, que não vai acontecer estas disputas, que lá é um lugar de todos, mas neste momento é necessária nossa presença, porque as torcidas foram tomadas pelo crime organizado, por isto estão proibidas pelo Ministério Público de frequentarem os jogos. Espero que no futuro não se precise mais da presença ostensiva de tantos órgãos de segurança com a mudança do comportamento dos torcedores. As blitz contra o uso de bebidas ao volante ajudou a mudar os motoristas que já não é como no passado. O uso do cinto de segurança, hoje, é comum, assim como será o comportamento dos torcedores. Ali é lugar de divertir, lado a lado, como nas famílias têm torcedores adversários dentro de casa.

Seminário nacional de combate ao crime nos estádios de futebol.





OS BENEFÍCIOS DA JUSTIÇA CHEGAM AOS LUGARES ONDE AS PESSOAS PRECISAM DELES

P E R F I L D A D R A . B E A T R I Z

A comarca de Almenara abrange sete municípios e a juiz Dra. Beatriz Junqueira fazia questão de realizar as audiências em cada uma dela

DURVAL GUIMARÃES (*)

Conheci a juíza Beatriz Junqueira, há quase 20 anos, quando ela, ainda jovem na magistratura, organizava uma viagem dos servidores da justiça de Almenara, nos fundos do Vale do Jequitinhonha à pequena cidade de Bandeira. O primeiro local era a sede comarca sob a sua autoridade, e o destino era um dos sete lugarejos da região geográfica que compunham a jurisdição.

O propósito da magistrada com a viagem, que assombrava o mundo judiciário mineiro da época, foi o de retirar suas excelências dos pomposos gabinetes onde despachavam, para oferecer os benefícios da justiça nos lugares onde as pessoas viviam e necessitam deles. A notícia de um magistrado emitindo sentenças longe dos fóruns e de suas intimidadoras demonstrações de poder, chegou aos ouvidos deste repórter e fui conferir o que estava acontecendo.

As duas cidades se distanciavam uma da outra em 55 quilômetros por picada de terra aberta no meio do mato. Passavam carros, sim, mas não havia transporte coletivo e os pobres, quando eram obrigados a buscar socorro médico, ou qualquer outra emergência, percorriam a longa estrada a pé, em viagens de muitas horas. Frequentemente, madrugada a dentro, sob chuva.

Até então, os excelsos magistrados que se sucederam durante muitos anos na comarca, jamais se importaram com esse suplício. Pareciam não se incomodar com as pessoas dormindo na porta do fórum, aguardando a elevadíssima presença do meritíssimo juiz, sempre depois após o meio dia. Na época, a maior parte das audiências se referia a questões minúsculas, como autorização para menor viajar desacompanhado, para casamento de pessoas de menor idade, para confirmar heranças de pessoas sem nenhum patrimônio a ser compartilhado, essas coisas. E o juiz as assinava como se estivesse fazendo o maior de todos os favores.

Eu me agreguei à caravana, que incluía o promotor de justiça, o delegado, o escrivão, um defensor público, vários policiais e numerosos funcionários administrativos com máquinas de escrever e outros equipamentos. Depois de muitos solavancos, almoçamos numa pensão ao lado da Câmara Municipal, onde foram realizadas as audiências. Na pauta não havia questões retumbantes, mas as habituais questiúnculas sobre o cotidiano local.

No entanto, a primeira audiência me surpreendeu para sua dimensão humanitária. Uma senhora pobre, aparentando 60 anos, acompanhada do filho, solicitava autorização à juíza Beatriz para transferir para o seu nome o pagamento de pensão por invalidez, atribuída à outra filha também presente. A beneficiária do benefício apresentava gritante incapacidade mental, nada parecia lhe interessar, inapta visivelmente para o exercício de qualquer ato da vida civil.

Cabia a jovem incapaz uma pensão de um salário mínimo que deveria ser recebida em Almenara, pois não havia agência bancária ou qualquer profissional autorizado a realizar essas transações financeiras. Não era assim o Brasil? Todo o mês aquela viagem se repetia nas condições relatadas acima.

A demência estava clara, mas a juíza Beatriz poderia estar sendo vítima de uma fraude. Como dirimir a dúvida, se os exames e investigações científicas comprobatórias só estariam disponíveis em Belo Horizonte, a capital, a mais de 900 quilômetros de distância? Então a juíza solucionou a dúvida a seu modo, simples, brilhante e irretorquível.

A magistrada saca da bolsa um leque de variadas notas de dinheiro, desde dois reais até muitas cédulas de cem e de cinquenta, e as apresenta à moça para escolher, como presente, a que melhor lhe agradasse. Transcorrem-se muito segundos até que a depoente mostrasse sua preferência pela vistosa nota de vinte reais, com seu brilho amarelo que se destacava entre todas.

A cena comoveu a mais de 40 pessoas que se acotovelavam no salão para assistir as audiências, evento jamais ocorrido no lugarejo. Então, por um momento, eu lembrei de Salomão, aquele rei hebreu que ameaçou dividir uma criança ao meio, para contentar a duas mulheres que disputavam a maternidade de um bebê.

Caso encerrado, a pauta seguiu. Em seguida, a juíza sentenciou um adolescente e seu pai que agrediam um garoto da vizinhança. Antes da sentença, aplicou-lhes uma repreensão tão severa que jamais deve ter sido esquecida, muitos anos depois. Na continuidade, a autoridade condenou, como cúmplice, um fazendeiro que emprestou sua espingarda a um amigo para baleiar um desafeto. E assim seguiram as audiências até o fim da tarde. A comitiva voltaria dois meses depois para conferir se as decisões foram cumpridas.

Publicada a reportagem no jornal Gazeta Mercantil, de São Paulo, (eu era diretor da sucursal em Belo Horizonte) acabei conhecendo o pai da juíza Dra. Beatriz, o competente advogado e fazendeiro dr. Deraldo Guimarães. Uma figura notável que mereceria uma crônica à parte, se vivo fosse. Dr. Deraldo era neto do coronel Mário Martins, o mais rico poderoso fazendeiro do Vale do Jequitinhonha, uma região maior que a Holanda e Bélgica, somadas.

O poderoso Martins foi pai de dez ou mais filhos e filhas e, curiosamente quase todos solteiros para sempre. Uma das filhas, Dona Aurora Martins, também solteira, foi proprietária de um banco – isso mesmo, a Casa bancária Aurora Martins, que era detentora de carta-patente Banco Central com prerrogativa de realizar todas as operações financeiras, exceto o de captar dinheiro dos clientes.

A função da justiça é garantir a segurança para mais de 50 mil torcedores que lotam os estádios nos fins de semana.

Mas essa restrição se mostrava absolutamente irrelevante, pois dinheiro era mercadoria que não faltava em sua despesa. Ainda hoje, muitas décadas depois, um letreiro em cimento com o nome da instituição é visto em sua extinta sede, na principal rua de Jequitinhonha.

Surpreendentemente, o universitário Deraldo o garoto que estudava Direito na Universidade do Brasil, no Rio, tinha planos muito diferentes da família e da tia, que também fora prefeita de Jequitinhonha. No primeiro ano da faculdade ele liderou uma delegação de jovens comunistas (pode uma coisa dessa?) Que foi a Moscou visitar e prestar solidariedade a Nikita Kruschov, o então presidente da União Soviética. Não houve fotos com o sucessor de Stalin, infelizmente, pois não havia como exibi-las no Brasil naquele aterrorizante ano de 1964.

Encontrei com o dr. Deraldo em muitas vezes ocasiões depois dessa e outras revelações A sua competência em todas o advogado insinuava que havia abandonado a ação política, mas não suas ideias. Voltou a ser fazendeiro

Agora, mais duas décadas após os acontecimentos relatados, reencontro a Dra. Beatriz Junqueira na condição de desembargadora substituta e como principal especialista do judiciário mineiro na área esportiva. A sua competência é reconhecida pelo Judiciário mineiro. Ela é apaixonada pelo futebol e mais ainda pelo Galo. São duas paixões excludentes, como se sabe.

Eu me divirto nas conversas com ela falando que a imprensa esportiva diz, equivocadamente, que na Arena MRV, o estádio de futebol onde ela dá plantões, há a presença de cinco juízes, incluindo o que administra as telas do VAR. Esclareço: Os que estão de apito são apenas árbitros. A juíza é ela, que tem a chave da cadeia.

O PREÇO DAS ELEIÇÕES

Em recente decisão o TSE determinou o limite de gastos, o valor do financiamento público de campanhas, do quanto poderão custar as campanhas eleitorais deste ano. É algo em torno de 4,6 bilhões de reais. É o seu, o meu, o nosso dinheiro sendo usado para eleger aqueles que nunca nos representam, nem sabem qual o seu verdadeiro papel no processo democrático. Claro, valores que deverão ser declarados através das prestações de conta de cada candidato. O famoso, nunca declarado, de origem clandestina e muito praticado, o Caixa 2, continuará nas sombras, oculto. Cada candidato a presidente poderá usar mais de 133 milhões de reais, sendo 80 milhões no primeiro turno e o restante se for para o segundo. Cada governador poderá usar até 26 milhões de reais, cada senador mais de 5 milhões, deputado federal mais de 3 milhões e deputado estadual mais de 1,2 milhões. O que representa algo como 50% do gasto real. Enquanto isto, a saúde, educação, segurança e demais serviços públicos continuarão à mingua.



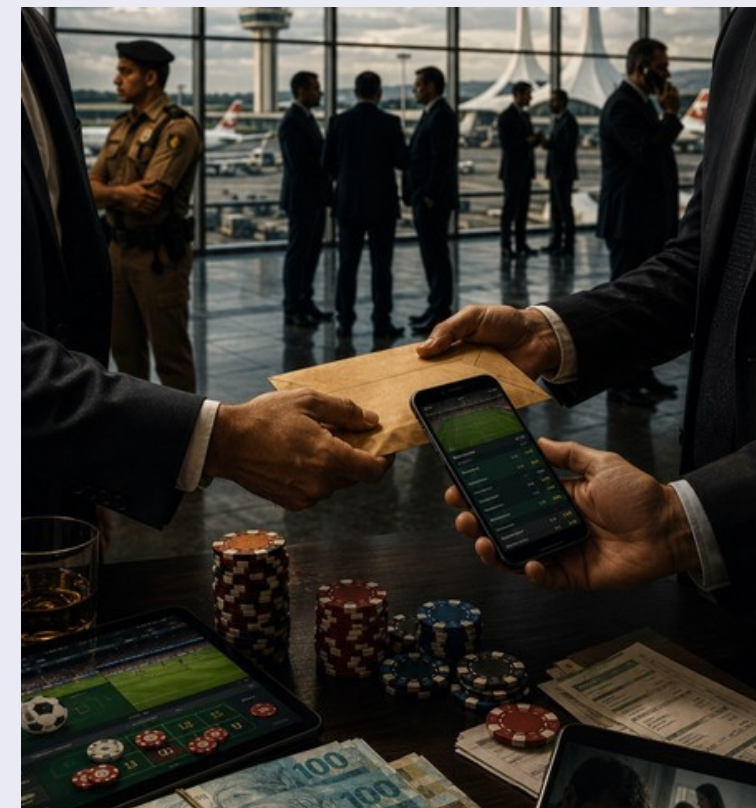
CONVENÇÕES

Terminada a Copa do Mundo, com a ridícula performance de nossa seleção, as atenções dos brasileiros se voltam para as eleições de outubro. Neste final de julho e início de agosto começam a ser realizadas as convenções partidárias, que escolherão seus candidatos, coligações e acertos políticos necessários para atender ao calendário eleitoral. Em Minas Gerais, pela notória perda de lideranças políticas, tudo pode acontecer, até mesmo nada. Quatro ou cinco candidatos competitivos vão disputar a preferência dos mineiros para o cargo de governador, 6 a 8 disputarão as duas vagas para o senado, centenas disputarão as 53 vagas da Câmara Federal e outros disputarão os 77 lugares da Assembleia Legislativa. São muitos os pretendentes, poucos os escolhidos, raros os merecedores.



CAIXA II E AS BETS

É grande o assédio dos executivos das Bets, aos atuais e futuros parlamentares para financiarem, através de doações clandestinas, suas campanhas políticas. Há um grande movimento social e político para a extinção, ou rigoroso controle, deste tipo de jogo que tem provocado endividamentos, crimes e desajustes familiares em todo território nacional. A posição favorável ao descontrole atual, de cada futuro parlamentar federal, valerá milhões de reais para os donos das casas de aposta. O aeroporto de Brasília é apontado como o local onde mais acontece este contato, segundo as chamadas fontes fidedignas e as próprias declarações dos assediados. Como sempre este tipo de crime é ignorado, nossas autoridades preferem fazer olhos e cara de paisagem.



BH SEM COMANDO, NEM OBRAS



A ausência de gestão da atual administração municipal de Belo Horizonte se faz sentir em inúmeros locais da cidade, seja no lixo acumulado, obras paralisadas, descuido com a saúde, abandono da educação e o pior trânsito do Brasil. Quicá, do mundo. Repetir a omissão de seu principal executivo é chover no molhado, nem é preciso citar as obras paralisadas da Praça do Papa, reforma dos jardins da barragem do Santa Lucia, Trevo do BH Shopping, ausência do recolhimento do lixo, aumento da população moradora na rua, pixações e insegurança pela cidade inteira. Roubos, assaltos, crimes contra a vida acontecem em escala nunca vista na cidade. No entanto temos que reconhecer, o atual prefeito mandou destruir a pista, que nunca deveria ter sido feita, de ciclismo da Avenida Afonso Pena, além de celebrar, pessoalmente pelas redes sociais, a chegada de monociclos para a juventude se arriscar e aventurar pelas congestionadas ruas da cidade.

215 PERGUNTAS (NÃO CHATAS)

QUE VOCÊ DEVE FAZER PARA CONHECER ALGUÉM MELHOR

Transforme conversa fiada em conversa real. Conhecer alguém por meio de uma boa conversa é revigorante

JASMINE GOMES

A conversa flui quando é agradável, tudo parece fácil e, antes que você perceba, as horas se passaram. No entanto, é claro, há o outro lado disso: por mais que você queira ser caloroso com alguém, cada diálogo com essa pessoa parece terrivelmente tenso.

Felizmente, existem alguns truques aprovados por especialistas que o ajudarão a entrar bem na conversa. Começar com as "perguntas genéricas" é um ótimo início para elevar qualquer papo de conversa fiada estranha a conversa real confortável, de acordo com Terri Orbuch, PhD, especialista em relacionamento, terapeuta e autor de "Cinco etapas simples para transformar seu casamento rotineiro em maravilhoso". Isso pode incluir perguntas sobre sua família, carreira, etc.

Além disso, é preciso evitar perguntas do tipo "sim" ou "não". Em vez disso, apontar para as perguntas abertas, diz Tamekis Williams, LCSW, fundadora do Mission Dorothy Female Empowerment Services.

-Tópicos que atingem o mundo interior da outra pessoa - seus pensamentos, objetivos e sonhos - fortalecerão e aumentarão o vínculo entre duas pessoas", observa Orbuch. "Compartilhar informações pessoais fortalece qualquer relacionamento, e questões mais profundas se concentram nessa auto revelação pessoal."

E isso vale para ambas as partes, acrescenta Williams. "Ao conhecer alguém inicialmente, é importante ser convidativo e caloroso para que a outra pessoa, já de cara, se sinta à vontade para conversar com você."

Ainda assim, você deve estar atento à sua abordagem e escolher perguntas que não pareçam críticas ou que invadam a privacidade, diz Williams. Dependendo da pessoa, por exemplo, pode parecer mais seguro evitar perguntas sobre crenças políticas e religiosas. Lembre-se, você está apenas tentando conhecê-la, para que possa deixar todos aqueles pesos pesados para outra hora (talvez).

Para fazer com que outra pessoa se abra, também pode ser uma estratégia eficaz assumir a liderança da conversa e deixá-la um pouco vulnerável. "Você pode obter as respostas (que procura) respondendo às vezes a essas perguntas enquanto compartilha sobre você", diz Williams. "Um exemplo seria: 'Acabei de me mudar para Serra da Moeda e encontrei uma bela comunidade pela qual me apaixonei e comprei uma casa. E você, aonde mora?'"

Seguem, então, as perguntas que sugerimos para se iniciar uma grande amizade ou, se tudo der certo, muito mais que isso:

1. Qual é a sua maneira favorita de passar um dia de folga?
2. Que tipo de música você gosta?
3. Quais foram as melhores férias que você já tirou e por quê?
4. Qual é o próximo lugar em sua lista de viagens e por quê?
5. Quais são seus hobbies e como você começou neles?
6. Qual era a sua idade favorita enquanto crescia?
7. Qual foi o derradeiro livro que você leu?
8. Você diria que é mais extrovertido ou introvertido?
9. Qual foi o último programa de TV que você assistiu?
10. Você gosta de redes sociais ou só ouve música?
11. Você tem um feriado favorito? Por que ou por que não?
12. Se você pudesse comer apenas um alimento pelo resto da vida, qual seria?
13. Você gosta de ir ao cinema ou prefere assistir em casa?
14. Qual é o seu prazer culpado?
15. No verão, você prefere ir à praia ou acampar?
16. Quantos anos você tinha quando teve sua primeira paixão por uma celebridade, e quem era?
17. O que pode tornar seu dia melhor instantaneamente?
18. Você tem alguma irritação?
19. Qual refeição é a sua favorita: café da manhã, almoço ou jantar?
20. Que música sempre te leva para a pista de dança?
21. Que atividade o acalma instantaneamente?

22. Idealmente, como você passaria seu aniversário?
23. O que você faz no seu trajeto de/para o trabalho?
24. Você é fã de musicais - por que ou não?
25. Qual é a sua estação favorita e por quê?
26. Qual a melhor piada que você já ouviu?
27. Você prefere cozinhar ou pedir?
28. Você já não gostou de algo e depois mudou de ideia?
29. Como você toma seu café?
30. Qual é o seu bem mais precioso e por quê?
31. Existe algum produto sem o qual você não viveria?
32. Você dorme coberta com o lençol? Por que ou por que não?
33. Se você pudesse ter algum animal exótico como animal de estimação, qual seria?
34. Qual seria a primeira coisa que você faria se ganhasse na loteria?
35. Qual é a sua maneira favorita de relaxar?
36. Como você gosta de passar seu tempo sozinho?
37. Qual foi o melhor show que você já foi?
38. Você tem um tipo de exercício favorito na academia?
39. Por quais causas você é apaixonado?
40. Com o que você está animado agora?
41. Qual é o seu gênero de conteúdo favorito (terror, ficção científica, comédia romântica, etc.)?
42. O que é uma parte essencial da sua rotina diária?
43. Qual é o melhor presente que você já recebeu?
44. Qual é o pior presente que você já recebeu e o que você fez a respeito?

CARREIRA

Não importa como alguém se sinta em relação ao seu trabalho, o fato é que muitas pessoas gastam muito tempo e energia no trabalho. Para ajudá-lo a conhecer melhor o futuro amigo ou amiga, "facilite uma conversa onde você saiba como ele ou ela se sinta sobre sua carreira", diz Hendrix.

Apenas prepare-se para retribuir essa abertura quando eles perguntarem o mesmo de você e de sua vida profissional. "As conversas iniciais definem o tom se a pessoa quiser continuar a conhecê-lo, então esteja pronto para responder a algumas perguntas também", diz Williams.

45. Se você pudesse escolher seu próprio horário de trabalho, você escolheria?
46. Existe um trabalho que você nunca faria?
47. Qual é a primeira coisa que você faz depois de chegar em casa do trabalho?
48. Quem ou o que te inspira em sua carreira?
49. Como você fala com o chefe que deseja tirar uma folga do trabalho?
50. O que uma pessoa de fora não saberia sobre o seu setor?
51. Você tem uma rotina matinal no trabalho? Se sim, como é?
52. Como é o seu trajeto para o trabalho?
53. Você consegue trabalhar em casa e, se sim, gosta?
54. Você se dá bem com todos os seus colegas de trabalho?
55. Qual é a sua coisa favorita sobre o seu trabalho atual?
56. O que mais te incomoda?
57. Qual é o destaque da sua carreira da qual você mais se orgulha?
58. Você acha que vai ficar no seu trabalho atual por algum tempo? Por que ou por que não?
59. Que tipo de função você deseja assumir depois desta?
60. Você é mais do tipo "trabalhar para viver" ou "viver para trabalhar"?
61. Seu trabalho faz você se sentir feliz e realizado? Por que ou por que não?
62. Como seu eu de 10 anos atrás reagiria ao que você faz agora?



63. Do que você mais se lembra do seu primeiro emprego?
64. Quantos anos você tinha quando começou a trabalhar?
65. Qual é o pior trabalho que você já teve?
66. O que originalmente fez você se interessar por sua área de trabalho atual?
67. Você já disputou um cargo superior, uma promoção no trabalho?
68. Qual é a sua parte favorita do dia de trabalho?
69. Qual foi a melhor decisão de carreira que você já tomou?
70. Qual foi a pior decisão de carreira que você já tomou?
71. Você se considera bom em networking?
72. Que conselho de carreira você daria ao seu eu mais jovem?
73. Você acredita em ter um "plano de cinco anos"?
74. Como você separa sua vida profissional de sua vida doméstica?
75. Você está ansioso para se aposentar ou planeja trabalhar o máximo possível?
76. Você já teve a síndrome do impostor"?
77. O que você acha dos workaholics?
78. Quais qualidades você procura em um chefe?
79. Você tem um mentor profissional? Se não, você quer um?
80. O que te energiza em sua carreira?
81. Você gosta de happy hours depois do trabalho?
82. Como você se motiva em sua carreira?
83. Qual é o melhor conselho de carreira que você já ouviu?
84. Qual é o pior conselho de carreira que você já recebeu?
85. Quando você começou seu trabalho atual, o que mais te surpreendeu?
86. Como você se recupera depois de cometer um erro no trabalho?
87. Como você lida com o estresse no trabalho?
88. Você tem um melhor amigo de trabalho?
89. Qual é uma coisa relacionada ao trabalho que você deseja realizar agora em 2023?
90. O que sua família acha de sua carreira?
91. Qual foi a melhor coisa que você aprendeu em sua posição atual?
92. Se você pudesse fazer tudo de novo, seguiria a mesma carreira? Por que ou por que não?

FAMÍLIA

Uma ótima maneira de conhecer alguém em um nível mais pessoal? Aprenda sobre as pessoas que eles amam. "Fazer perguntas sobre relacionamentos íntimos pode levar a histórias, e compartilhar histórias leva a uma conexão e a uma experiência de serem vistos um pelo outro", explica Hendrix. Experimentar:

- 93. Quanto tempo você passa com sua família?
- 94. Com quem você mais gosta de passar o tempo e por quê?
- 95. Qual membro da família faz a melhor comida?
- 96. Como sua opinião sobre sua família mudou ao longo dos anos?
- 97. Você gostaria de ter uma família maior ou está feliz com o tamanho atual?
- 98. O que significa o sobrenome da sua família? (Procure se não souber!)
- 99. Quem é o melhor presenteador da sua família?
- 100. Qual é a sua história favorita sobre seus avós?
- 101. Você já mapeou sua árvore genealógica?
- 102. Você era próximo de sua família enquanto crescia?
- 103. Como você define sua família agora?
- 104. Quais características são mais importantes para você em seus familiares?
- 105. Quem na sua família faz você se sentir mais seguro?
- 106. Você quer uma família própria?
- 107. Você já foi a uma festa de família, com todos os primos, tios, sobrinhos e demais parentes presentes?
- 108. Se você pudesse mudar seu relacionamento com um membro da família, você mudaria? Se sim, com quem?
- 109. Como foi crescer como o filho mais novo/mais velho/do meio/único?
- 110. Sua família costuma viajar junta?
- 111. Qual é a sua memória familiar favorita?
- 112. Qual família de TV mais lembra a sua?



- 113. Você já desejou ter sido criado de maneira diferente?
- 114. Qual é o melhor conselho que um membro da família lhe deu?
- 115. Você gostaria de ter mais irmãos? Em caso afirmativo, por quê?
- 116. Você já escondeu alguma coisa ou mentiu para seus pais?
- 117. Se você tivesse um negócio familiar, qual seria?
- 118. Você e sua família têm apelidos um para o outro?
- 119. Qual é a sua maneira favorita de passar o tempo com sua família?
- 120. Como você mostra à sua família que os ama?
- 121. Qual é a sua tradição familiar favorita?
- 122. Qual é o feriado mais importante que você passa com sua família e por quê?
- 123. Como você se sente sobre eventos familiares?
- 124. O que sua família ficaria surpresa em saber sobre você?
- 125. Em qual membro da família você mais confia?
- 126. Como você lida com discussões entre familiares?
- 127. Se você tem filhos, como quer criá-los?
- 128. O que é mais importante: família ou amigos?
- 129. Você tem algum amigo que consideraria família?
- 130. Sua família já o pressionou para agir de determinada maneira?
- 131. Você conheceu seus bisavós?
- 132. Que histórias seus familiares contaram para você enquanto crescia?
- 133. Como seus pais (e/ou avós) se conheceram?
- 134. O que te deixa orgulhoso de sua família?
- 135. O que sempre pode unir sua família?

VALORES

- Ao aprender sobre os valores de alguém, você está aprendendo sobre o manual do proprietário", explica Hendrix. Mesmo perguntas aparentemente mundanas podem atingir os valores de uma pessoa - como o que a motiva a se sair bem em uma apresentação ou o que ela procura em alguém.

- "Ao aprender sobre a filosofia de vida de alguém, você é capaz de entender sua verdadeira essência, como ela vive e o que impulsiona suas ações", acrescenta Orbuch.

Dito isso, você não pode simplesmente perguntar: "Quais são seus valores?". O que você pode perguntar:

- 136. O que você acha que torna alguém uma "boa pessoa"?
- 137. Você acredita em amor à primeira vista?
- 138. Como você mostra bondade aos outros?
- 139. Você acredita em almas gêmeas? Por que ou por que não?
- 140. O que você procura em uma amizade?
- 141. Você acredita que o tempo que você gosta de perder não é tempo perdido?
- 142. Que lições de vida você teve que aprender da maneira mais difícil?
- 143. Você acredita que o que é feito para você sempre vai sentir sua falta?
- 144. Você já experimentou o amor verdadeiro e como soube?
- 145. O que é um rompimento de relacionamento para você?
- 146. Se você tivesse apenas um sentido (audição, tato, visão, etc.), qual você gostaria?
- 147. Você é voluntário?
- 148. O que faz você se sentir em paz?
- 149. Do que você mais se orgulhou em 2022?
- 150. O que faz você se sentir mais realizado?
- 151. Quem você mais admira no mundo?

- 152. Você prefere ganhar mais dinheiro fazendo um trabalho que odeia ou menos fazendo um que ama?
- 153. De qual traço de personalidade você mais se orgulha?
- 154. Qual é a primeira coisa que você procura em um parceiro e/ou amigo?
- 155. Como sua perspectiva sobre o mundo mudou ao longo do tempo?
- 156. Você segue algum conselho ou lema?
- 157. Como alguém pode ganhar sua confiança?
- 158. Como alguém pode perder sua confiança?
- 159. Você prefere que alguém seja honesto e machuque seus sentimentos ou minta para protegê-los?
- 160. Se você pudesse estalar os dedos e instantaneamente tornar o mundo melhor, o que faria?
- 161. Você acredita em astrologia? Por que ou por que não?
- 162. Você já perdeu um amigo? Em caso afirmativo, o que aconteceu?
- 163. Se você pudesse ensinar apenas uma coisa ao seu (futuro) filho, o que seria?
- 164. Qual é a coisa mais assustadora que você já fez e por que fez isso?
- 165. Você acredita em segunda chance?
- 166. Onde você obtém suas notícias?
- 167. Qual é o seu maior medo irracional?
- 168. Você é ativo nas redes sociais ou prefere ser mais privado?
- 169. Qual é a sua definição de sucesso?
- 170. Você é doador de órgãos e como chegou a essa decisão?
- 171. Você acredita que deveria fazer uma coisa por dia que te assusta?
- 172. O que você acha que acontece após a morte?
- 173. Que linha alguém nunca deve cruzar com você?
- 174. Como você define beleza?
- 175. Você acredita em vida em outros planetas?
- 176. Como você interage com alguém que discorda de você?

SONHOS

- "Essas perguntas mostram o que motiva a pessoa", diz Orbuch. "O que lhes dá força para acordar todos os dias e seguir em frente? O que as pessoas sonham e pensam durante o dia?" Quando você aprende sobre os sonhos de alguém, você compartilha algo mais íntimo. Inicie uma conversa profunda perguntando o seguinte:

- 177. Você acha que nossos sonhos têm significados ocultos?
- 178. Quando você quer desistir, o que o faz continuar?
- 179. Você vive de palavras de sabedoria?
- 180. Qual é o primeiro passo que você dá ao tentar alcançar um novo objetivo?
- 181. Como você transforma um "não" em "sim"?
- 182. O que você faz para superar um revés pessoal?
- 183. É fácil para você aceitar ajuda para realizar seus sonhos?
- 184. Se você pudesse fazer qualquer coisa, além do que está fazendo agora, o que faria?
- 185. O que você se arrepende de não ter feito em 2022?
- 186. O que está na sua lista de desejos?
- 187. Se você tivesse dinheiro ilimitado para começar seu próprio negócio, o que seria?
- 188. Se você descobrisse que hoje é seu último dia na Terra, o que faria?
- 189. Se você pudesse morar em qualquer lugar do mundo, onde seria?
- 190. Se você pudesse reviver um momento da sua vida, qual seria?
- 191. Se você tivesse a oportunidade de ser imortal, você aceitaria?
- 192. Com qual pessoa famosa da história você gostaria de passar o dia e porquê?
- 193. Você acha que provavelmente realizará todos os seus sonhos?
- 194. Se você pudesse se tornar famoso magicamente, você gostaria?
- 195. Um gênio lhe dá três desejos - quais são eles?

PERGUNTAS NÃO CONVENCIONAIS

Às vezes, as perguntas excêntricas permitem que você aprenda as coisas mais interessantes sobre uma pessoa. "Perguntas incomuns permitem que você veja as qualidades variadas, únicas e especiais de uma pessoa - suas respostas fornecem informações sobre o que as motiva", diz Orbuch. "Essas perguntas também costumam levar a outra pessoa a pensar fora da caixa e realmente refletir sobre algo." - "Mas tenha cuidado ao fazer perguntas de natureza sexual muito cedo", ele aconselha. O mesmo vale para as indagações relacionadas às finanças de outra pessoa, mas especialmente questões sobre pensão alimentícia, dívida e pontuação de crédito.

Faça essas perguntas ~não convencionais~ e você definitivamente obterá algumas respostas interessantes (no bom sentido!):

- 196. Você tem alguma habilidade especial?
- 197. Se você pudesse viver em um filme, qual seria e por quê?
- 198. Qual é a sua música para "dançar como se ninguém estivesse olhando"?
- 199. Você canta no chuveiro?
- 200. Quantas horas você chega ao aeroporto antes de um voo?
- 201. Você pode recitar o alfabeto de trás para frente?
- 202. Se você pudesse ter um superpoder, qual seria?
- 203. Se você voltasse em sua próxima vida como um animal, que animal você seria?
- 204. Qual seria o título do livro sobre suas memórias?
- 205. Qual é a última coisa que você faz à noite?
- 206. Quem interpretaria você no filme da sua vida?
- 207. Com qual personagem fictício você mais se identifica?
- 208. O que faria você sair no meio de um filme?
- 209. Quando foi a última vez que você chorou e por quê?
- 210. Qual é a coisa mais estranha que você faz quando está sozinho?
- 211. Você tem sonhos recorrentes?
- 212. Qual é a discussão mais idiota em que você já se envolveu?
- 213. Qual é a roupa mais ridícula que você já usou?
- 214. Qual é a sua história favorita sobre você?
- 215. Se você pudesse mudar alguma coisa em si mesmo, mudaria? Se sim, o quê e por quê?

Por último, cada vez que você solicita respostas pessoais de outras pessoas, aumenta a intimidade entre vocês. Portanto, baixe a guarda e não tenha medo de fazer (e responder!) essas perguntas profundas.

ROMERSON CANGUSSU

ESTACIONAMENTO NAS CALÇADAS
VALORIZA MAIS QUE O OURO

Para estacionar o automóvel na região central de Belo Horizonte, paga-se atualmente R\$5,61. No ano passado, custava R\$4,95. Para se ter uma ideia, foi um aumento muito acima da inflação e mais que o dobro do aumento do salário mínimo. Como a prefeitura chegou a esse valor? Eu seria mais condescendente se a prefeitura garantisse segurança contra o roubo dos carros; a integridade deles em períodos de chuva, quando velhas e grandes árvores costumam cair e ruas ficam alagadas; e, ainda, se garantisse um asfalto liso e bem sinalizado. Mas isso é sonhar demais...



A RODOVIA PARA CURVELO
ESTÁ UM BRINCO

Mês passado fui a Curvelo. A BR-135 é uma velha conhecida. Como nasci em Montes Claros e passei a infância em Porteirinha, enfrentei tal estrada por muitas vezes. No entanto, fazia seis anos que por ali não passava. Quando é para criticar, é para criticar. Mas também, quando é para elogiar, temos que ser justos. A estrada é uma beleza. Não sei como está depois de Curvelo, mas fiquei impressionado com a qualidade do trecho em que pude dirigir — cerca de 50 km. Fiquei igualmente feliz em observar várias placas indicando "Rodovia João Guimarães Rosa". Ainda bem que a atual concessionária da estrada não decepcionou, usando de forma digna o nome do autor de "Grande Sertão: Veredas". A empresa está de parabéns! Gostemos ou não dos pedágios, ainda não inventaram uma ideia melhor que viabilize segurança e conforto nas estradas.

QUEM NÃO FICOU COM
SAUDADES DA VOZINHA?



Uma Copa do Mundo com 48 países é estranha. Mais estranha ainda é uma Copa do Mundo disputada em três países simultaneamente. Entendo que economicamente é mais interessante para todos, mas não deixa de ser estranho. Agora, aquele conceito de "jogador de Copa do Mundo" já não faz mais sentido. Certamente, a partir desta Copa, com tantos times em campo, vamos nos divertir muito com figuras folclóricas de seleções quase totalmente desconhecidas do mundo do futebol. Por exemplo, pode ser que nesta edição da Copa do Mundo (2026), a figura mais marcante seja Vozinha, da briosa seleção de Cabo Verde; marcante pela competência e pelo que lhe aconteceu durante os jogos. Pelo menos premia meus incontáveis amigos cabo-verdianos que vivem no Brasil. Infelizmente, um deles, meu amigo Fernando Andrade de Sá Nogueira, faleceu antes de ver essa epopeia do selecionado de seu país. Viva Cabo Verde!



PIMENTA À VONTADE

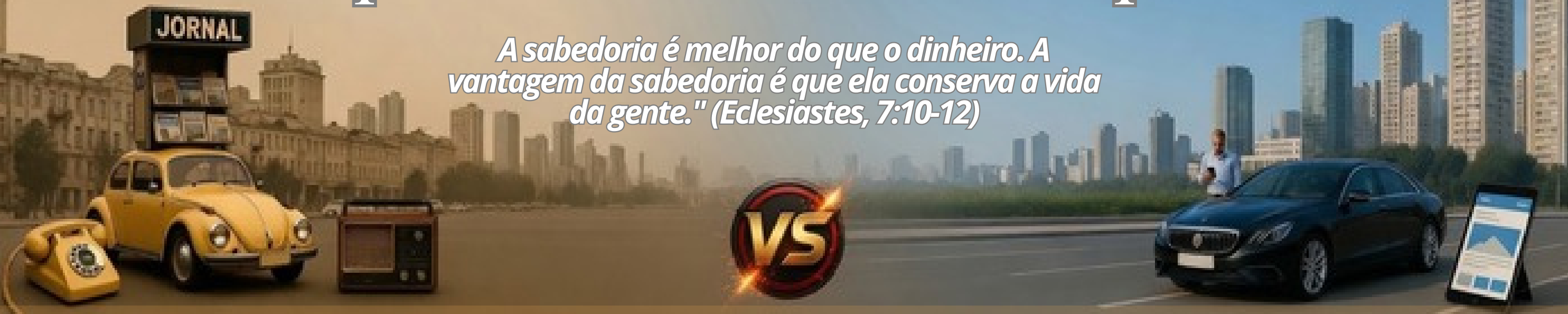
Ontem, saindo de um cartório no centro de BH, virei a esquina e resolvi comer um salgadinho acompanhado de um refrigerante em casco de vidro — o único que mantém o sabor original da bebida. Como tinha que esperar a carona de minha filha, gastei alguns minutos na pequena e asseada lanchonete na Rua Rio de Janeiro, entre Augusto de Lima e Guajajaras. Para minha satisfação, admirador que sou de pimenta, havia ali uma coleção de pequenos frascos de molhos picantes e pimentas de várias espécies — cerca de 20 opções ao alcance de todos os clientes. Para cada mordida no salgado, um ardor diferente. Achei a ideia muito criativa. O cliente se assenta num balcão, voltado para uma parede onde se pode ver uma estreita prateleira com todos esses condimentos ao alcance das mãos. Gostei.

O PERIGO ESTÁ EM TODA PARTE

Na lanchonete não fiquei por muito tempo. Mas foi o suficiente para observar que, entre os presentes, estava uma deficiente visual usando uma bengala guia, e que precisou de auxílio para passar o cartão de crédito. Entrou também um homem de meia-idade, usando uma muleta, mas que logo depois saiu, entrou em seu automóvel e se foi. Uma pesquisa da ONU garante que 10% da população mundial tem algum tipo de deficiência — o número estratosférico de 800 milhões de pessoas. Ao sair da lanchonete, fiquei por ali esperando a carona; cerca de quinze minutos. Nessas ocasiões, quando não há nada a se fazer, gosto de observar os transeuntes. Mais quatro deficientes cruzaram o meu caminho e atravessaram a rua — três idosos e um adolescente. Dois idosos atravessaram a rua usando bengalas, com cuidado e sem sustos. Um outro idoso, também usando bengala, atravessou vagarosamente, auxiliado por um cuidador. E, por fim, o adolescente, usando fones de ouvido, quase foi atropelado por uma motocicleta.

No passado as coisas eram piores

A sabedoria é melhor do que o dinheiro. A vantagem da sabedoria é que ela conserva a vida da gente." (Eclesiastes, 7:10-12)



ROMERSON CANGUSSU

Não faz muito tempo que muitas pessoas sonhavam em ter uma linha telefônica, uma placa de táxi em uma grande cidade ou até mesmo uma licença da prefeitura para abrir uma banca de jornais e revistas. Hoje, quase ninguém quer uma linha fixa de telefone, comprar uma permissão de táxi pode ser um investimento ruim, e não se imprimem mais jornais e revistas como antigamente.

Recentemente, chegando de viagem, chamei um aplicativo tipo Uber ou 99 — não me lembro qual deles. Para minha surpresa, parou um táxi novinho, de luxo, quase zero km. Ainda tive o cuidado de confirmar se era mesmo o que eu havia chamado. Estava certo: um táxi de Contagem atendendo a um aplicativo para viagens dentro de Belo Horizonte. Quanta flexibilidade, pensei. E que bom!

Quando cheguei de mudança em Belo Horizonte — isto foi em 1976 —, os táxis eram amarelos. Eram carros velhos, não tinham ar-condicionado e os motoristas fumavam na nossa cara. Quase todos eram fuscas sem o banco dianteiro para o passageiro. Somente três pessoas podiam entrar, assentando-se no banco traseiro. Havia uma corda amarrada na porta direita para que o motorista a puxasse, fechando-a. O rádio, ligado o tempo todo, era apenas em AM, chiando sem parar.

Quase sempre se ouvia a Rádio Guarani (falecida), Inconfidência (respira com aparelhos) ou Itatiaia (que tem se cuidado). Ficar pensando em como era bom no passado é burrice. Absolutamente, não era melhor.

Na minha cidade, durante minha infância, ter uma linha de telefone era luxo. Eram tão poucas que era possível decorar o número do telefone e o nome de cada proprietário. Até por volta de 1997, era assim no Brasil todo. Custava uma fortuna. Eu me lembro de que uma parente distante, moradora na capital, possuía várias linhas como investimento. Ela vivia do aluguel dessas linhas telefônicas. Um grande negócio na época. Hoje, ninguém tem coragem de perguntá-la sobre o destino das tais linhas de telefone — arrisca-se a ouvir um palavrão ou receber um xingamento.

Cada ano, esperava-se com ansiedade a publicação dos catálogos telefônicos, com suas páginas brancas e as páginas amarelas para negócios. Se você não tinha seu nome na lista telefônica, era classificado como pobre. Era uma questão de posição social ter o nome na lista telefônica da região.

E os aparelhos de telefonia? Boa parte do dia era gasta discando sem parar. Se o número discado estava ocupado,

para não perder tempo, era melhor esperar alguns minutos. Se o funcionário de uma empresa quisesse enrolar, ficava ali discando, discando, até o outro lado atender. E ainda há quem diga que no passado é que era bom.

Os jornais e revistas impressos estão acabando. Nas décadas de 1980/1990, fui assinante da Revista Veja e da concorrente Isto É. Ficava ansioso para receber semanalmente a revista. A confiança nas informações e artigos era quase total. Ainda hoje, alguns dos repórteres e colunistas daquela época estão aí, tentando nos enganar. Felizmente, esse tempo passou.

Os jornais eram mais democráticos. Você podia publicar ali um obituário, uma oferta de emprego, uma comunicação de "Procura-se" ou de algum "desaparecido". Os "pequenos classificados" eram um sucesso. As páginas principais eram sobre política local, nacional e internacional (replicado da Reuters). Depois vinham as páginas de economia, esportes e polícia. No domingo, cadernos de cultura e outros. Hoje, com o advento da internet, descobrimos quão reduzido era o nosso mundo dos jornais impressos. Meia dúzia de senhores e senhoras, "donos da verdade", detentores da informação. Que ilusão!

Não há mais bancas de jornal. No passado, o proprietário de uma banca era uma figura a quem se dava muita importância. Às vezes, para não ficar sem, você tinha que paparicar o sujeito, pedindo para reservar um exemplar do Diário. Ironicamente, hoje em dia, o dono da banca dorme até às 8 horas da manhã. Lá pelas nove horas, ele chega, abre sua banca, mais parecida com um bazar, vendendo de tudo: água mineral, refrigerante, acessórios para celulares, revistas antigas, livros usados, cigarros, chinelos, xerox, chaveiros, cortadores de unha, pentes etc. Se você tiver sorte, encontra jornal para o pet fazer suas necessidades básicas.

Não é o caso de demonizar as coisas do passado; afinal, o passado recente, vivido por nós, também já foi o futuro presente. Trata-se de valorizar o conforto e as conquistas do presente. Tenho lembranças maravilhosas da infância. Mas me encantam também os benefícios e facilidades do tempo presente — e muito mais está por vir. Nostalgia demais faz mal ao espírito. E, segundo a Bíblia, pode ser sinal de burrice ou ignorância.

Gaste sua energia com o tempo chamado "hoje" e não com o tempo passado, por melhor que tenha sido. Viva o presente com alegria e gratidão a Deus.

Tapete de flores

NESTOR DE OLIVEIRA (*)

A forte influência dos Beatles, o sucesso de Ronnie Von, a tietagem das meninas e a contestação por contestar, tão própria da juventude, faziam com que eu e Noé, meu irmão, também os usássemos. Castanhos, bem tratados, lisos (a touca noturna ajudava), penteados e cheirosos ajudavam a compor nossa aparência de príncipes sem principado, nem nobreza, a andar pela cidade. Engravatados. Noé, pouco mais de 13 anos, era sucesso com as meninas, precoces, leitoras de contos infantis. Sonhavam com cavalos brancos e um príncipe que pudessem chamar de seu. Eu, 20 anos, alto e magro, fazia um tipo vistoso e bem apanhado. Nossa semelhança física impressionava. Gestos, voz e jeito de andar eram idênticos. Morávamos no bairro Caiçara e para abreviar nossa ida para o trabalho, na Praça Raul Soares, sede do jornal "Diário de Minas", pegávamos a lotação na Rua Pomba, no Carlos Prates. Nosso trajeto era percorrer a Rua Perdizes, por mais de oitocentos metros, entre nossa casa e o ponto do ônibus. Aos poucos, elas, as meninas moradoras desta rua, passaram a monitorar nossos horários. No início comentários contidos, suspiros e gracejos. Aos poucos formaram um grupo de amigas e passaram a ser mais explícitas. Já nos aplaudiam, pediam um sorriso, atiravam uma flor.

- Noé, dizia eu, cuidado. Elas não nos vêm. Nos imaginam personagens de suas histórias. Temos que manter respeitosa distância e evitar problemas futuros.

Passamos a andar pelo meio da rua, não mais pelo passeio. E o grupo foi aumentando. O que era cinco ou seis garotas transformou-se num movimento da rua. Eram mais de trinta. Nos seguiam até a porta de casa a atirar flores, pedir sorrisos, tirar fotos. Nossa mãe as atendia e recebia cartinhas e flores. E veio a memorável homenagem.

No final dos anos sessenta os rapazes descolados usavam cabelos longos.

Numa sexta-feira, ao retornar do trabalho, na porta da casa de uma das meninas, vimos um tapete de flores a tomar o passeio. Nos pediram para passar por ali. Não fomos e fingimos não ter visto. Seguiram nos e uma das mães nos procurou pra conversar. Contou do quanto o grupo nos admirava e se poderíamos ser mais atenciosos com elas.

- Claro, respondi, no entanto, temos que ser respeitosos e evitar possíveis problemas futuros, especialmente para não as desapontar com nossa realidade sem fantasia.

Uma semana depois recebemos a visita de um casal vizinho e a filha, uma das meninas que nos aplaudiam. Levavam o convite de aniversário da garota e nossa presença na festa era o presente pedido.

Fomos. A chegada foi apoteótica. Fotos, aplausos, choros e sorrisos.

Era um sábado, 19 horas e nossa surpresa foi encontrar o tapete de flores a cobrir mais de cinquenta metros de passeio.

- Noé, disse-lhe, não vamos pisar nas flores. Será como se pisássemos nos seus sonhos.

Elas insistiram e percorremos o trajeto pisando em pétalas. Refrigerantes, salgadinhos, parabéns pra você, valsa e dezenas de autógrafos distribuídos às nossas admiradoras.

Fizemos as reverências necessários e nos despedimos como nobres de um principado de sonhos. Grande Noé, a quem eu chamava de meu filho mais velho, faleceu há décadas, num trágico acidente de carro, pouco depois de completar 50 anos.

Na memória ficou seu sorriso, vida exemplar, o tapete de flores e os sonhos daquelas meninas.

(*) Nestor de Oliveira é jornalista.



A TRAGICOMÉDIA DA PROPAGANDA ELEITORAL

POR ANTÔNIO DELFIM NETTO

Um dos grandes mitos até pouco tempo era que "o socialismo é a forma mais adequada de organizar a sociedade". Só ele produziria a felicidade geral. A ideia é velha. Não existe pensador que se preze que não tenha construído a sua utopia, onde um rei-filósofo, desinteressado de si e preocupado apenas com o bem-estar dos seus súditos, organiza racionalmente a sociedade.

A figura do rei varia. Pode ser o proletariado ou sua vanguarda de intelectuais escondidos em alguma igreja secreta. Pode ser o partido que se assume como seu representante. Pode ser o Vaticano. Nunca é o cidadão, o ser individual que se entristece ou se alegra, quem determina como deseja viver. É o rei quem determina o que ele precisa para ser feliz. Por construção, o rei sabe mais do que ele. O rei é bom. É racional. É impessoal. É justo. O rei pode até ser a vontade da maioria desinformada na urna. A tragédia é que a verdade só é descoberta tarde demais...

A juventude, vivendo num mundo cruel, sujeito às leis da escassez, assiste a um quadro de desigualdades exageradas e reage indignada. É levada a acreditar que tudo isso é produto do "miserável capitalismo" e aceita sem crítica o mundo do "maravilhoso socialismo". Compara o miserável capitalismo real, com o perfeito socialismo ideal. Não tem a menor preocupação em tentar saber se o programa que o socialismo ideal promete sem custo (liberdade, igualdade, justiça e felicidade) foi alguma vez, na história, capaz de produzir uma sociedade civilizada. TV mostra ausência de ideias e desonestidade intelectual na disputa.

Os homens mais sofridos, e que já perderam aquela esperança, comparam o miserável "socialismo real" que a história lhes revelou com o maravilhoso "capitalismo ideal", onde todas as condições que encantam alguns economistas são satisfeitas. Nele, o rei-mercado realiza automaticamente o máximo de eficácia produtiva, com plena liberdade individual e uma distribuição de renda aceitável. Pois bem, nem o "capitalismo ideal" nem o "socialismo ideal" existem. São apenas sedutores entes metafísicos.

O paleo-liberalismo exacerbado do rei-mercado e o voluntarismo extremado do rei-burocrata são, ambos, produtos de cérebros peregrinos. Ignorando-os, os homens normais - de carne e osso, que vivem do trabalho honesto - foram encontrando ao longo da sua história, por tentativa e erro, através de um processo seletivo quase biológico, instituições que levaram a uma organização social apoiada na liberdade de iniciativa. Descobriram que essa estimula a criação e a apropriação de conhecimentos tecnológicos, o que engendra uma crescente eficiência produtiva.

Em larga medida, os mercados são o produto da cooperação natural espontânea entre os homens que possibilitou a vida em sociedade. Com eles, a divisão do trabalho aumentou a eficiência produtiva e coordenou as necessidades de cada um com a capacidade dos outros para atendê-las. Mas os mercados não são o "capitalismo".

O capitalismo é o velho mercado da antiguidade, somado a mais um - o mercado de trabalho - e à instituição da propriedade privada. Ele separou a sociedade em duas classes: os detentores do capital e os que lhes vendem a força de trabalho. Isso aumentou ainda mais a eficiência produtiva, mas criou dois graves problemas: por um lado, produziu uma exagerada desigualdade de renda e, por outro, aumentou as incertezas do trabalhador com a aleatoriedade do seu emprego. É por isso que o capitalismo só funciona quando protegido por um Estado forte, constitucionalmente limitado, capaz de garantir a propriedade privada e de regulá-lo para reduzir seus inconvenientes.

O capitalismo não é uma coisa: é um instante de um processo evolutivo que prossegue e vai construindo instituições que vão tornando viável a sociedade civilizada. Essa tenta combinar valores não inteiramente compatíveis: a plena liberdade de iniciativa que cria o homem; a construção continuada da igualdade de oportunidade para todos, que dá estabilidade à sociedade, e a garantia de funcionamento eficiente do sistema produtivo, para que cada um tenha mais tempo para realizar a sua humanidade.

O "socialismo real" morreu. Não foi o estágio superior do capitalismo como se esperava. Foi apenas o seu medíocre substituto que subsiste em alguns países subdesenvolvidos. Setenta anos depois da célebre afirmação do influente economista da falecida URSS, S.G.Strumilin, que escreveu: "Nossa tarefa não é a de estudar a economia, mas mudá-la. E mudá-la precisamente no sentido do voluntarismo, pois não estamos sujeitos a nenhuma lei" ("Industrialização e Epígonos do Populismo", in Economia Planificada, 1927), pudemos verificar como era falsa a concepção do rei-burocrata.

Diante desse panorama, não deixa de ser trágico (e cômico!) assistir, na propaganda eleitoral na televisão, à indecente desonestidade intelectual de um dos lados e a indigente ausência de ideias do outro. Competem à altura com a triste figura de uma retrógrada "verdadeira esquerda nacional" que se classifica "progressista" e "democrática". Progressista, porque sugere repetir experiências fracassadas. Democrática, porque acredita ser portadora de uma visão privilegiada do mundo.

MINHAS NOVAS DECISÕES PARA MUDAR O RUMO NO TRABALHO

O novo semestre começou, e estou de volta ao serviço. Ou para trás, em busca de emprego.

ANTÔNIO PORFÍRIO

VAMOS ACABAR COM ESSA REPETIDA HISTÓRIA DE SEMPRE FAZER MAIS DO MESMO. AQUI APRESENTAMOS DEZ RESOLUÇÃO QUE PODERIA FAZER DESTE SEMESTRE MUITO MELHOR DO QUE O QUE PASSOU:

1. Procure por algo novo para aprender a cada dia.

Se você está abrigado (a) em uma carreira você ama, trabalhando em um emprego que odeia, ou simplesmente desempregados à procura de serviço, a construção de sua base de conhecimento é uma simples chave para o sucesso. Além do mais, a aprendizagem é boa para seu cérebro e seu humor e é muito divertido. Assim, ler livros, artigos, blogs sobre sua atividade, pedir para aprender o trabalho de um colega ao lado, pensar em obter um novo certificado ou diploma, você estará começando o projeto.



2. Subir acima da insanidade.

Não importa o estado da economia ou do país, sempre há algo a preocupar ou temer. Você pode se juntar os pessimistas pode abster-se de pânico e ser a voz da razão. Procurando por soluções racionais para os problemas é um uso muito melhor do seu tempo e te torna um membro valioso de qualquer organização.

3. Construir uma rede ampla, profunda e ativa.

Uma rede de profissionais é uma fonte de novos negócios, novos empregos, apoio, conselhos, ideias e consolação. Assim, neste semestre, reforce as relações com as pessoas que você já conhece, e coloque a energia em conhecer novas pessoas. (Nota: Networking inclui a sua presença online, também. LinkedIn, Facebook, Twitter e no resto eles são eficientes formas de se manter em contato com um monte de gente).

4. Encontre um mentor.

Um mentor é alguém um pouco mais inteligente e um pouco mais experiente que você, e quem sabe, gosta de você, e se preocupa com você. Um mentor te ajuda a solucionar problemas e definir metas, apresenta-lhe as possibilidades que você nem sabia que existiam, e dá-lhe um pontapé no traseiro quando necessário. Uma vez que você encontrou um mentor, cuide bem dele ou dela, porque essa pessoa é como o ouro.

CONTINUA...

5. Lembre-se que nem sempre é sobre você.

A vida profissional torna-se surpreendente menos estressante quando percebemos que é negócio, e não pessoal. Nove vezes em dez, as decisões e o comportamento de chefes, colegas de trabalho, contratação de gestores e recrutadores têm mais a ver com seus próprios problemas e prioridades do que com qualquer coisa que você fez ou disse. Portanto, cultive uma pele grossa e faça um bom trabalho.

6. Procure ajudar os colegas. Dê férias a qualquer tentativa de egoísmo e ofereça seus préstimos a que necessita de ajuda no trabalho. Apresente-se como referência, ouça os problemas de um colega, ofereça soluções, seja anfitrião num café. Seja solidário, empreste dinheiro, se tiver. As suas boas obras vão voltar para você dez vezes.

7. Dizer "obrigado", sempre.

Infelizmente, a gratidão não é tão comum. Você pode ser incomum, e memorável, simplesmente enviando uma nota de agradecimento, sempre que justificável. Quando você pode, periodicamente (e sinceramente) agradecer aos seus colaboradores, seus clientes, seus fornecedores, o seu chefe, seus amigos. Até aos seus inimigos. Você será bem visto e isso é uma coisa boa.

8. Seja super-honesto (a).

Não minta sobre suas qualificações, ou alegue doença para não trabalhar. A integridade torna as pessoas admiráveis e a vida se mostra mais clara e simples. Você será amplamente confiável e essa qualidade será importante no momento de promoções ou nos cortes da força de trabalho da empresa.

9. Anote seus objetivos.

Você quer ganhar mais dinheiro, ser um gerente, liderar a abertura da segunda unidade, ou aumentar (ou diminuir) o seu horário? Antes de atingir qualquer um desses objetivos você terá de percorrer muitos passos intermediários. Mas o primeiro passo é anotar tudo o que fez e adversidades que deverá superar.

10. Estabelecer um plano B.

Responda a esta pergunta: "O que eu faria se eu perdesse o que eu tenho atualmente?" Ter um plano de contingência na mão é sempre, sempre inteligentes. É por isso que gerentes de recursos humanos aconselham a prestar atenção ao estado de sua indústria, manter um currículo atualizado, e ficar atento a outras oportunidades.

Você não precisa fazer tudo isso. Comece pequeno. Escolha as ideias mais fáceis de se colocar em prática e veja o que acontece.





Na escola da vida, qualquer vagabunda sabe mais que os trinta volumes da Enciclopédia Britânica

*“Eu creio que o sexo seja a coisa mais bonita, natural e edificante que o dinheiro possa comprar”
(Steve Martin)*



JOÃO PAULO COLTRANE

Tenho um grande arrependimento na vida: foi uma mulher quem me ensinou a beber e jamais tive a cortesia de agradecer-lhe. Também tive decepções: a primeira vez que toquei meu saxofone no coro de uma igreja, duzentas pessoas mudaram de religião. Agradeço as lições que muitas mulheres me ensinaram ao longo da vida, como fabricar uísque escocês e imprimir notas de mil guaranis. Pena que esse dinheiro não seja aceito em nenhum lugar do mundo. Também me ensinaram a fabricar água em pó. Mas não sei o que devo usar para dissolvê-la, Agradeço em especial às duas mulheres citadas abaixo:



Gracie Allen (1902-1964)

Como muitas mulheres, ela fez sucesso nas costas do marido. No caso, o extraordinário comediante George Burns, com quem fez uma dupla notável. Seu humor variava entre a ingenuidade comovente e a absoluta estupidez. Em 1940 criou o Partido Surpresa (Surprise Party), no qual se candidatou à presidência da república dos EUA. Os eleitores pensavam acertadamente que o país já tinha bastante problemas e rejeitou aquela que seria a primeira mulher a ocupar a Casa Branca. Sua verdadeira idade jamais foi conhecida, como sempre acontece com elas, até a data em que foi emitida sua certidão de óbito.

Comentava-se em Hollywood que o casal era tão unido e interdependente que um morreria pouco tempo depois do outro. Mas não foi o que aconteceu. Depois que Gracie morreu, o viúvo permaneceu entre nós por mais 40 anos e sempre feliz e divertido. Ela tinha um olho verde e outro azul, mas nenhum deles era de vidro.

Veja abaixo o que ela nos deixou de herança:

1. Estava tão surpresa de haver nascido, que nada falei durante um ano e meio.
2. Um garoto não deve ser considerado incorrigível só porque é idiota e não serve para nada. Talvez esteja apenas imitando o pai dele.
3. A educação é algo valiosíssimo. Imaginem que, com suficiente educação e um cérebro estimulado, um homem mediano pode se tornar um advogado. Um advogado medíocre.
4. A inteligência é algo comum em minha família. Quando entrei para a escola no primeiro ano primário, o professor deve ter se impressionado, pois permaneceu em minha sala por cinco anos.
5. Estou diante de vocês nesta noite como uma mulher simples e despojada. É que não consegui um horário com meu maquiador.
6. Quando minha mãe tinha que fazer comida para oito, ela cozinhava para dezesseis e só servia a metade.
7. O presidente da República de hoje é somente o retrato na parede de amanhã.
8. Meu marido nunca voltará a correr atrás de outra mulher. Ele é muito educado, muito decente e, sobretudo, muito velho.
9. Sempre coloco água fervendo congelador. Dessa forma, cada vez que necessito novamente de água fervendo, simplesmente a descongelo.
10. Seja muito bom com seus filhos porque eles que escolherão o asilo de idosos onde você irá morar.
11. Limpar a casa quando seus filhos ainda são crianças é como secar o quintal quando a chuva ainda está caindo.
12. O solteirão é alguém que nunca cometeu o mesmo erro uma vez.
13. Meu cachorro morreu depois de lamber minha foto de casamento.
14. Quero que meus filhos tenham tudo o que não tive. E que venham morar comigo com todas essas coisas.
15. Passamos os primeiros doze meses da vida dos nossos filhos ensinando-os a caminhar e a falar. E os doze meses seguintes dizendo-lhes que se sentem e que se caem.
16. Bradd Pitt uma vez me convidou a sair. Eu estava no quarto dele.



Joan Rivers (1937-2014)

Foi uma comediante de grande mordacidade e absoluta falta de piedade. Entre as suas vítimas preferidas estavam sua filha Melissa que, merecidamente, tentou matar a mãe. Outro perseguido foi o marido Peter, que acabou se suicidado em 1988. Deixou um bilhete dizendo que estava indo tarde.

Quando morreu em 2014, surgiram dezenas de vídeo mostrando que ela foi uma das mais transgressoras, politicamente incorretas e corrosivas figuras que apareceram no mundo da comédia.

Veja abaixo o seu pavoroso legado:

1. A um garoto de um ano se pode ensinar a não fazer algumas coisas, como pegar numa panela quente, abrir a torneira do gás, enfiar o dedo na tomada ou despertar a mamãe antes do meio-dia.
2. Não faço exercícios físico. Se Deus desejasse me ver curvando e agachando, teria colocando diamantes no piso.
3. Muita gente diz que o dinheiro não é a chave da felicidade, mas eu sempre pensei que, se você conseguir muito dinheiro, pode mandar fazer essa chave. Ou comprar uma chave de fenda.
4. Muito me preocupo que a pessoa que criou a música ambiental esteja pensando em fazer mais outra coisa.
5. O Vaticano sempre se manifestou contra barriga de aluguel. Mas não foi isso que aconteceu quando Jesus nasceu?
6. Meus ancestrais (NR: ela era judia) vagaram perdidos pelo deserto por quarenta anos porque, desde os tempos bíblicos, os homens se sentem diminuídos em perguntar as direções. No caso, onde era o caminho para chegar a Jerusalém.
7. Há um restaurante em Nova York, que tem a seguinte placa na entrada: "Desculpem, estamos abertos".
8. Tenho minhas opiniões sobre a maternidade e a gravidez. A vida já é bastante dura sem ter alguém te chutando a barriga pelo lado de dentro.
9. Ninguém está realmente feliz com o que tem sobre a cabeça. As pessoas com cabelo muito lisos, querem anelá-los; as com cabelos anelados, querem alisá-los na chapinha. E os que não têm nenhum cabelo, querem que todo mundo fique cego.
10. Minha mãe enterrou três maridos, sendo que dois deles estavam apenas dormindo a sesta, depois do almoço.
11. Meu namorado e eu rompemos nosso caso. Ele queria se casar e eu não concordei que ele fizesse isso.
12. O casamento já não é o que foi antes. Atualmente as mulheres, quando conhecem um homem perguntam: "É este o homem com quem eu quero que meus filhos passem seus fins-de-semana?".
13. A princípio não havia nada. Então disse Deus: Faça-se a luz". Continuou sem existir nada, mas passou-se a enxergar melhor.

A FAMÍLIA É QUASE SEMPRE UM INFORTÚNIO HUMANO E VOCÊS NÃO FALAM DISSO

Como leitor desta prestigiosa revista quero apresentar meu desagrado ao fato de vocês nunca tratarem da crise na família. Esses grupos são mostrados como o esteio da espécie humana, mas não são. A ideia de que a família se sustenta apenas com afeto é um mito conveniente. O convívio prolongado exige negociação contínua entre expectativas, temperamentos, passados mal resolvidos e necessidades incompatíveis. E, na maior parte do tempo, ninguém sabe como fazer isso.

Os conflitos familiares são raramente eventos explícitos. Ao contrário, são camadas acumuladas de pequenas frustrações, palavras atravessadas, favores que nunca foram retribuídos, memórias distorcidas e acordos tácitos que ninguém ousa revisar. Cada almoço pode carregar a tensão de vinte anos. Cada conversa banal pode ser o gatilho de ressentimentos que todos fingiram esquecer.

O que torna esses conflitos quase insolúveis é o fato de que, dentro da família, ninguém é apenas a pessoa que está presente hoje. Cada integrante encarna versões antigas uns dos outros: a criança que dependia, o adolescente rebelde, o adulto que fracassou ou prosperou, o irmão que recebeu privilégios, o filho que decepcionou, a mãe que sacrificou e depois cobrou, o pai que se ausentou e agora exige autoridade. A subjetividade familiar é retroativa. Todo gesto é interpretado à luz de um passado que nunca passou.

O lar é a primeira cena onde o sujeito aprende a reprimir impulsos, modular emoções e negociar identidade. A infância cria vínculos de amor, mas também cria dívidas simbólicas. Alguém sente que deu mais do que recebeu. Outro sente que nunca pôde existir plenamente. Uma terceira pessoa internaliza a crença de que só será aceita se agradar. Quando os anos avançam, esses pactos continuam ativos, ainda que ninguém fale sobre eles. O silêncio familiar tem memória própria.

Famílias só se tornam adultas quando conseguem sustentar conversas sobre perdas, inveja, culpas, frustrações, favoritismos, traições discretas e expectativas frustradas sem transformar isso em guerra moral. Porque vocês não tratam disso em reportagens e artigos?

CRISTIANE CAVALCANTE – BH-MG

Pedimos desculpas à Glaucia, mas prosseguem as más notícias sobre a imprensa

Segue abaixo a mensagem de Gláucia, querida leitora:

Durval, bonita (e melancólica) sua matéria sobre o Estado de Minas; o encerramento das edições de domingo representa mais um triste ponto de virada no que vem acontecendo com a “grande” imprensa escrita, em todo o mundo.

Gostei da descrição do papel do jornalista como “trabalhadores do concreto da vida, que a desmaterializam e a transformam em alimento para o espírito.” Teria ficado perfeita na boca de Maxwell Scott, o dono de jornal combativo e idealista do memorável filme O Homem que Matou o Facínora (tenho certeza que se lembra do filme).

Nossa geração talvez seja a última geração de pessoas que aprenderam a fazer isso, por “profissão de fé” (os jornalistas) e os seus leitores.

Grande abraço

GLÁUCIA VALLE – BH-MG

FALO PARA AS PAREDES, MAS NÃO SOU DEMENTE

Gostei muito da reportagem sobre esse senhor que completou cem anos de idade. Estou chegando lá, aos 98. Ultimamente tenho falado muito para as paredes e a minha psicóloga diz que é sinal de demência. Mas não é. Nessas ocasiões falo para minha mulher que está entre mim e a parede. Mas não quer escutar.

ROGERIO MALHEIROS – BARBACENA-MG

MATERIA PRIMA

Belo Horizonte, 1º de agosto de 2026

Há 16 anos, a revista *Materia Prima* leva a seus leitores, todos os meses, reportagens e análises sobre as questões mineiras de Minas. Também busca refletir o pensamento dos mineiros a respeito de assuntos políticos, econômicos e culturais de diferentes nacionalidades.

As notícias que você recebe serão sempre gratuitas, mas o jornalismo custa caro para se produzir reportagens precisas e imparciais.

Aos que estão conhecendo nossa revista agora, ou se esqueceram de que necessitamos da renovação anual da adesão, apresentamos abaixo os dados bancários.

Não sentimos honra em contribuir com valores superiores ao preço da assinatura anual, que é de R\$200,00. A adesão é fácil de se materializar, imediatamente, com a ajuda da FGL.

Contas:

Banco do Brasil
Conta Nº 22.583-5
Agência 4483-2
PIX: 03471394668

Caixa Econômica Federal -

Conta Nº - 0031234-6 CP 013 -
Agência - 1532
CPF - 034713946-68

Caro leitor,

Durval Guimarães
Editor da revista *Materia Prima*